

# Villas-Boas, sem prêmio

Nobel da paz?  
— Que chatice.

Isso não é programa para Orlando Villas Boas — “um comedor de peixe da Amazônia” —, que prefere “mais uma viagem até o sítio em Joririca, aqui pertinho de São Paulo, do que perder tempo e saúde para receber um prêmio.

Mas, apesar de toda esta má vontade, Orlando parece mesmo “ameaçado” de receber o Nobel este ano, mais uma vez, — principalmente depois que o Lions Club decidiu lhe oferecer sua Comenda Humanitária — 1977. Essa comenda humanitária é uma espécie de “publicidade” provisória para o Nobel: Henry Kissinger e U. Thant, por exemplo, foram premiados pelo Lions antes de receberem o Nobel da Paz. Porém, Orlando não foi nem receber esta comenda, que seria entregue num cerimonial hoje, nos Estados Unidos, com a participação de 150 mil leoninos do mundo inteiro. Primeiro porque a Funai, encarregada de dispensar o sertanista do trabalho e dos 16 mil da viagem, até dois dias antes de Orlando embarcar para os EUA (viajaria dia 27 do mês passado) ainda não havia dado uma resposta sobre as formalidades de praxe. Segundo, por que seus médicos o aconselharam a ficar em casa, por motivos de saúde: o prêmio recebido por 36 anos de contato com a selva já provocaram mais de 200 acessos de malária e seus olhos estão com catarata. E terceiro:

— Porque eu não estava com muita vontade de ir, mesmo. Sou caboclo do mato e não gosto deste negócio de prêmios. Isso é imaginação de americano. Eles podiam escolher gente em melhor estado e mais bonita que eu.

Cara de peixe-boi e barbicha de ariranha, Orlando agora está na minha frente, com a pressão arterial não muito boa, “em péssimas condições psicológicas”, com dor de cabeça e nos olhos calmos de garça, sentindo um grande aborrecimento. Ele está sentado numa grande cadeira estofada e esquentando as mãos carnudas — com unhas de garra, boas para limpar tripa de peixe — com uma blusa azul de criança. Desde 71, quando nasceu o primeiro filho do seu casamento com Marina, ex-enfermeira da Funai, está morando em São Paulo, numa casa sem muitos artesanatos indígenas na parede: apenas alguns arcos e flechas destes que se encontram facilmente Aquidauana. A voz é marrenta, taquara rachada que nem voz de arara:

— Eu não estou interessado nesta chatice.

— Você não está interessado na chatice ou não vale a pena receber o Nobel da Paz com todas estas atrocidades que estão sendo cometidas com os índios?

Orlando vociferou e disse que não está sendo cometida nenhuma atrocidade com os indígenas brasileiros. A mesma resposta, mais tarde, foi dada por seu irmão Cláudio, que falou mais

ou menos que todas as atrocidades que tinham que ser cometidas contra eles, já aconteceram. Orlando explica mais detalhadamente, afirmando que há a situação de carência maior com alguns índios, mas que isso vem em decorrência da própria sociedade brasileira. Cláudio fala sobre as atrocidades:

— É importante procurar entender, quando se discute o problema do índio, a extensão de determinados conceitos, de integração, esta coisa toda. O que nós temos que considerar é a realidade, o que está acontecendo e acabou. E a Funai tem que ser um órgão para defender os interesses do índio. Mas ela não pode ir muito além, não pode fazer mais do que faz por questão de forças maiores.

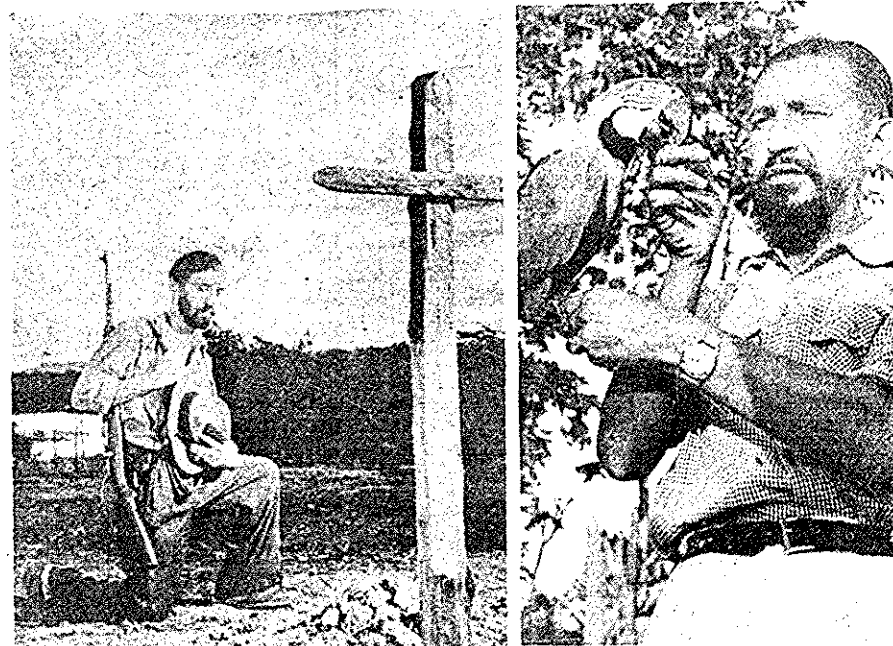
Aliás, os Villas Boas pensam que a Funai agora está vivendo seus melhores dias, devido ao esforço do general Ismarth de Araujo, o atual e terceiro presidente da Fundação Nacional do Índio. Cláudio compara a Funai de hoje com a primeira fase do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), oficializado pelo marechal Rondon. Até 1930, as diretrizes rondonianas foram aplicadas pelo SPI: Cláudio lembra que os sertanistas que trabalhavam com Rondon eram humanistas decididamente dedicados à causa indígena. Após este período, começou a haver alguns desvirtuamentos dos objetivos inicialmente prefixados pela política do SPI: corrupção, desinteresse e a falta (ou abandono) de uma filosofia do trabalho. No

início da década de 60, as distorções atingiram seu ápice: e o SPI foi reformulado e substituído pelo Funai. Cláudio e Orlando Villas Boas participaram desta reestruturação junto com Heloisa Alberto Torres, José Maria da Gama Machado, Queiróz Campos e um etnólogo do Museu Nacional.

Cláudio fala que logo de início a Funai constituiu, através das novas diretrizes de trabalho, um órgão que procurou colocar o serviço de proteção dentro de suas responsabilidades. (Com a extinção do SPI, em 1964, 700 funcionários foram colocados na rua por corrupção de uma maneira geral: arrendamento e exploração de recursos em áreas destinadas a reservas, além de desvio das verbas destinadas para este fim).

O nascimento da Funai, afinal, fez com que houvesse um retorno aos ideais do marechal Rondon. Entretanto, José da Gama — que foi o primeiro presidente da Funai — em seguida sofreu uma substituição pelo general Bandeira de Melo e tudo piorou de novo pois ficou igual aos tempos finais do SPI. Nesta época, sim, foram cometidas atrocidades com os índios.

Cláudio Villas Boas, em sua casa na Vila Madalena, numa sala simples com sofá, poltrona e televisão, calmo, guardando à sua frente o silêncio da mata — “onde se desenvolve o senso de percepção mas atrofia a capacidade de ver-



— Muita gente se arvora a discutir o problema do índio e quase sempre focaliza sua integração na sociedade nacional ou, por assim dizer, na civilização. Seria interessante que estas pessoas, antes de expor seus pontos de vista, tomassem consciência da extensão de alguns conceitos fundamentais onde está apoiada toda a questão do índio. Os conceitos de civilização, cultura, liberdade, igualdade, oportunidade e tudo mais. Isso é muito difícil. Normalmente se olha a questão apenas sob um ângulo e não se vê, por exemplo, as contingências que você tem que admitir: é impossível você fazer com que a história volte atrás, para um situação passada. Não digo superada, porque alguma coisa de melhor sempre vem. Isto é uma fatalidade histórica, né? O que a Funai tem que fazer é garantir, por exemplo, reservas ao índio para que ele possa ter seu cantinho para viver. Mas o próprio Governo, que cuida da proteção ao índio, desencadeou a conquista da região Centro-Oeste do País e, então, é muito difícil a Funai contrariar todo este movimento. A necessidade de expansão no Centro-Oeste brasileiro limite a ação da Funai. Não foi o próprio Governo que deu o raçado de uma estrada que mutilou a área indígena? O que pode impedir uma coisa destas? O Governo determinou, mandou que se fizesse uma estrada, ela foi feita. O que aconteceu? Aconteceu que a parte que estava mais ao Norte do Parque Nacional do Xingu, não foi mais considerada como reserva indígena.

— Mas, nesta área do Parque, existiam algumas tribos, os Caiapó e os Txucarramãe, que teimaram em ficar onde sempre viveram. Nós tentamos trazê-los para os novos limites que sur-

giram com a construção da BR-80. Mais tarde, tudo ficou resolvido: conseguimos acalmar os índios arredios e aquela parte do Parque do Xingu, tomada até o limite antigo, que dava na Cachoeira de Fomarcas, voltou para a Funai.

Em 1975, o Governo estava abrindo o trecho Marabá-Altamira, da Transamazônica. Antonio Cotrin Neto, sertanista que trabalhava nesta área, demitiu-se dizendo que não pretendia contribuir para o enriquecimento de grupos econômicos à custa da extinção dos índios, transformando-se quase num administrador de cemitérios indígenas.

Mas antes disso, bem antes, Orlando nem se lembra quando, correram notícias de coisas terríveis acontecidas no Baixo Xingú, com os Jurunas e o avanço da seringa. Os Jurunas, que ajudaram na exploração dos seringais, foram convidados para uma festa de "confraternização". Foram massacrados sem piedade pelos brancos no meio da festa. E notícias contadas pelos índios Caiapó dizem que receberam um presente, farinha envenenada. Muitos morreram.

Orlando é quem diz que no momento em que tiveram que ser contra a Funai, eles foram contra. Mas quando tem que se fazer justiça, os Villas Boas fazem — fala ele:

— A Funai está longe de ser um organismo perfeito. Não estou mais no Parque do Xingu e só estou assessorando a Funai para efeito de atração de índio arredio. Não tenho mais função administrativa e não estou interessado em agradar ninguém, quando digo que a Funai está fazendo todo o esforço que pode, pelo índio. Estou realmente interessado em coisas como um contrato

## O Prêmio Nobel

O prêmio Nobel da Paz — que como os outros, foi criado por Alfred Nobel, inventor da dinamite — geralmente é entregue a personalidades "que tenham contribuído mais e do melhor modo para a confraternização dos povos, para abolição ou diminuição dos exércitos militares e também para a formação e divulgação dos congressos de paz" conforme o testamento do criador da moção. No caso dos irmãos Villas Boas, a indicação para a Comissão Nobel do Parlamento sueco foi feita pela Sociedade dos Povos Primitivos, pelo antropólogo francês Lévy Strauss, uma verdadeira multidão de dois mil etnólogos norte-americanos e a opinião pública mundial, em termos gerais. O trabalho dos dois se encaixa, segundo o testamento de Alfred Nobel, quando se fala na confraternização dos povos. A confraternização do elemento índio com o branco.

Alguns brasileiros já tiveram seus nomes cogitados para o Nobel — Carlos Drummond de Andrade; Jorge Amado, com seus romances traduzidos

para 38 línguas; e Dom Hélder Câmara, pelo trabalho de assistência social numa das regiões mais miseráveis do Brasil, o Nordeste, com aproximadamente 40 milhões de habitantes. Prêmios Nobel de Literatura e Paz.

Na América Latina, três escritores já foram homenageados com este prêmio: Pablo Neruda e Gabriela Mistral, do Chile, e Miguel Angel Asturias, da Guatemala. E a entrega do Nobel, todos os anos é feita no aniversário da morte do seu criador: 10 de dezembro. Pelo prêmio da Paz, este ano, concorrem os irmãos Villas Boas, uma enfermeira que trabalha numa colônia de leproso no Sul da Índia e um ex-presidente mexicano. A escolha, claro, depende muito mais da localização política do país de origem do laureado no contexto mundial, do que se levando em conta o valor do candidato. Assim, não é de estranhar um prêmio Nobel da Paz para um estadista como Henry Kissinger, por exemplo. Ou um escritor como Alexander Soljenitzin — H.L.

para medição de vinte e duas reservas, no valor de quase trinta milhões de cruzeiros que foi assinado recentemente. Nunca se faz isso. Os índios, de 1930 para cá, tem sofrido as maiores flutuações possíveis, que variam com os interesses políticos nas suas áreas, com os recursos pequenos ou grandes que são dados a eles. Então, nós tems visto um problema que foi se agravando e não poderia se esperar que, num passe de mágica, tudo voltasse a ser aquilo que nós temos como ideal: uma comunidade indígena tranquila e per-

feita. Mas não é possível se organizar este tipo de comunidade, quando ela vai estar envolvida por uma sociedade que ainda está desajustada. No final deste ano, vou me aposentar. Mas isso não quer dizer que eu vá abandonar o trabalho com o índio. Vai ser apenas a afetivação de minha saída da máquina administrativa da Funai. E da maneira que estou envolvido com o índio, vou ter que continuar com ele até o fim de minha vida.

Hilton Libos

